



A EDUCAÇÃO INFANTIL EM MEIO AOS DILEMAS DO RETORNO

LARISSA DOS SANTOS NUNES¹; RAFAELA DA SILVA DIAS²;
MAIANE LIANA HATSCHBACH OURIQUE³

¹ Universidade Federal de Pelotas – larissaa.nunes12@gmail.com

² Universidade Federal de Pelotas – rafaeladiashshs@gmail.com

³ Universidade Federal de Pelotas – maianeho@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

Devido ao decreto de pandemia no Brasil em março de 2020 por decorrência do vírus Sars-CoV-2, vários setores tiveram que se reinventar, inclusive a educação, sendo a educação infantil uma das etapas mais afetadas durante esse período, pois como sabemos, essa fase não se faz de maneira remota, precisamos do contato, do visual e do tato para auxiliar no desenvolvimento das crianças.

Deste modo, os desafios dos professores durante esse período de pandemia têm sido inúmeros. Não só eles estão sendo afetados, as famílias também tiveram que se reinventar para poder acompanhar efetivamente as atividades dos filhos durante a pandemia. As crianças, sem dúvidas, são as mais afetadas pois perderam o vínculo com a escola, o contato com os professores e com as aprendizagens que aconteciam de uma maneira contínua todos os dias da semana.

Entendemos que esta pandemia e o isolamento social vão passar, mas no momento os envolvidos no processo de aprendizagem das crianças de 03 a 05 anos devem levar em conta as vivências e sentimentos, respeitando sua individualidade, singularidade, valorizando-se sua própria maneira de estar no mundo. (OLIVEIRA; NETO; OLIVEIRA, 2020, p. 362)

Em 2021, a discussão acerca do retorno às aulas presenciais nas escolas gaúchas, se fez presente justamente em um momento de pico da pandemia de Covid-19, em que as principais justificativas dadas pelo mundo do adulto se referiam ao sofrimento das crianças e às perdas em relação à aprendizagem. Esta pesquisa, assim, apresenta informações sobre o posicionamento da comunidade frente a essas discussões, uma vez que acompanhou a formação da opinião pública sobre a educação das crianças e as preocupações e expectativas acerca da escola infantil. O principal objetivo desta pesquisa é compreender de que forma as crianças estavam sendo respeitadas nesta decisão, prevalecendo suas necessidades de aprendizagem ou as rotinas de trabalho dos adultos.

De acordo com Tebet (2020) “após a pandemia, quando pudermos voltar a receber as crianças em creches e pré-escolas, não há o que repor, pois o desenvolvimento que deveria ter acontecido já terá acontecido.” Diferentemente do ensino fundamental, a escola de educação infantil não possui conteúdos a serem abordados e muito menos prazo para cumpri-los, logo, a falta das creches e pré-escolas não trará prejuízos às crianças pois o objetivo da educação infantil é o desenvolvimento através de interações e brincadeiras. Mesmo com a pandemia, este processo já terá acontecido, talvez, não da maneira que seria em uma escola, mas não causará perdas ou danos irreversíveis para as crianças.

Ainda sobre as perdas em relação à educação, que muitos usaram como justificativa, Tebet (2020, *on-line*) afirma:

Esses dias letivos da educação infantil não aconteceram. E nada vai substituir os de fato. Quando a pandemia acabar, as crianças terão oportunidade de retomar as relações e práticas cotidianas que marcam a educação infantil no CONTEXTO DE CRECHES E PRÉ-ESCOLAS, com profissionais formados para isso, num espaço adequado, com materiais planejados e com os colegas com quem poderão brincar e interagir.

Essa discussão levanta alguns questionamentos como qual o sentido de voltar às aulas presenciais em meio ao pico da pandemia uma vez que sabemos, como afirma Tebet (2020), não há perdas nem o que recuperar na educação infantil. Quais são as reais necessidades das crianças nesse momento? É seguro mandar os meninos e meninas para a escola agora e que sofrimento, sendo uma das justificativas, a criança tem por estar em casa com sua família?

2. METODOLOGIA

Esta pesquisa consiste em uma abordagem qualitativa, utilizando como instrumento de coleta a ferramenta de enquetes disponibilizadas pela rede social Instagram, que nos possibilitou recolher dados sobre as crianças e escola nesse período pandêmico para compreendermos melhor o momento e seus reflexos na educação infantil. A pesquisa foi realizada no período de maio a julho, com questões publicadas semanalmente com público alvo os seguidores do perfil.

Após conversas e discussões em nosso grupo sobre a volta às aulas, pensamos em ampliar o debate nas redes sociais para saber a opinião daqueles que nos acompanham na internet, elaboramos então 9 questões para saber a opinião das pessoas. São 326 seguidores do perfil, composto por pedagogas, estudantes da universidade, professores e amigos e familiares dos pibidianos. Dentre as problemáticas abordadas, questionamos acerca dos sentimentos das crianças em relação à pandemia, o posicionamento dos familiares diante do retorno, a visão sobre a escola, o uso de telas, dentre outras questões.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Antes de discutirmos os resultados, é importante destacar que a educação infantil vai além de “fazer trabalhinhos”, como muitas vezes é dito pelo senso comum. A educação infantil tem como foco principal o desenvolvimento integral das crianças, visando a construção de autonomia, curiosidade e o enriquecimento da infância, além de considerar que todo o processo de investigação e descobertas que acontece nesta etapa tem uma intencionalidade. Neste cenário, o ato do docente de observar é importante na compreensão das relações das crianças e de suas aprendizagens. As situações de aprendizagens propostas pelo adulto são capazes de acolher os interesses e necessidades das crianças, assim como fomentar a ampliação das experiências de significado por meio de brincadeiras e interações com os contextos.

A educação infantil tem como finalidade o desenvolvimento absoluto das crianças até cinco anos de idade e é nessa etapa que as crianças descobrem novos valores, sentimentos, costumes, ocorrendo também o desenvolvimento da autonomia, da identidade e a interação com outras pessoas. (OLIVEIRA; NETO; OLIVEIRA, 2020, p. 356)

Com base nos resultados obtidos através da pesquisa feita pelas enquetes no Instagram, podemos perceber que a maioria dos familiares são contrários as aulas de

maneira presencial neste momento sendo 85%, mas, 15% defende o retorno à modalidade presencial. Destes, 56% possuem crianças em casa e 44% não. Os respondentes que convivem com crianças notaram nelas os seguintes sentimentos como os mais frequentes, conforme o gráfico abaixo:

Figura 1



Devemos destacar, como bem expõe Sarmento (2005), que esta análise é a percepção dos adultos sobre os sentimentos infantis, pois não temos como acessar o interior das crianças, logo, pode não ser o retrato mais verdadeiro, considerando que, até mesmo as crianças, muitas vezes, não compreendem acerca daquilo que está se passando com ela.

Como podemos ver, um número expressivo demonstra que muitas estão nervosas e irritadas, principalmente, por não ter com quem brincar, resultado que reflete nas frases que os familiares mais escutam da criança. Dentre as respostas, 40% relatam a saudade dos amigos e colegas da escola, 20% reclamam que não têm ninguém para brincar, outros 20% não aguentam mais ficar em casa e, por último, 20% não querem fazer o tema/estudar.

Destacamos também que o uso das telas teve um aumento significativo durante o período de pandemia, pois, a criança estando mais tempo em casa, acaba ficando bastante em frente as telas, sejam elas computadores, celulares e até mesmo televisão. Ao questionarmos o tempo do uso de telas na rotina da criança, 45% dos respondentes afirmam que ela passa mais tempo jogando nos dispositivos eletrônicos, 36% divide-se entre brincadeiras e telas, 14% assiste televisão a maior parte do tempo e apenas 5% brinca e faz outras atividades quase sempre. Esses números nos alertam, pois sabe-se o prejuízo que a exposição prolongada a telas pode causar, como irritabilidade e prejuízo no desenvolvimento cerebral e mental das crianças.

Questionamos acerca da percepção que os pais tinham sobre a importância da escola e dos professores e percebemos que 83% dos votantes disseram que sua percepção mudou em relação ao período pré-pandêmico, pois, muitas vezes, as famílias não compreendiam o trabalho dos docentes dentro da sala de aula e, agora, os responsáveis se veem com dificuldades, tanto na educação infantil, que não se faz de maneira remota, como no momento da alfabetização. É complicado para um familiar ensinar a criança sem ter a habilidade e estudo necessário como um professor. Isso ressalta que a maioria dos responsáveis não acompanhavam efetivamente a rotina escolar dos meninos e meninas e, durante esse período, se sentem perdidos ao terem que assumir, de certa forma, esse papel de educador.

Para encerrar nossos questionamentos, perguntamos se os familiares consideravam seguro mandar as crianças para a escola neste momento, 82%



responderam que não e 18% afirmaram que sim. Por fim, de todos respondentes, 62% garantiram que a escola da criança ainda não retornou com as atividades, porém, 38% relatam que a criança já está indo para a escola.

4. CONCLUSÕES

Diante dos resultados expostos, é importante olharmos para a maneira que os adultos colocam suas necessidades acima das necessidades das crianças, até mesmo justificando que isso seja para o "bem" dos meninos e das meninas. Porém, muitas vezes, por trás dessa justificativa está apenas uma vontade do adulto em atender as suas necessidades sem pensar no risco que a criança pode estar correndo, exemplo disso foi a discussão de retorno às aulas que ocorreu agora, na pandemia, os adultos afirmam é o retorno é para o bem das crianças mas, talvez, fosse apenas um desejo de que as escolas e a vida social voltassem aos padrões de normalidade de antes, mesmo com todos riscos de transmissão e propagação do coronavírus.

Por vezes, os adultos acreditam que as crianças estão perdendo por estarem esse tempo em casa. De certo modo, a interação com outras crianças se faz importante para o desenvolvimento, mas essa maneira de pensar que a criança perde por esta fora da escola parte da percepção de uma educação compensatória, que por muito tempo orientou a educação infantil, dando ênfase na crença de que quanto mais cedo se aprende, mais sucesso o sujeito obtém na vida adulta.

Contudo, devemos destacar, a partir dos dados coletados, que nesse período, de fato as crianças sofreram com o distanciamento da escola, tanto pela questão emocional, quanto pelo viés da aprendizagem. Sem dúvidas, esse tempo todo em casa é cansativo para as crianças, principalmente, pela falta de interação com os pares. Sabemos, sim, que o direito à educação deve ser levado em consideração, mas, o direito à vida sempre deve ser prioridade, por isso, a importância de mantermos as práticas de educação de forma remota durante esse momento.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

OLIVEIRA, A. S. S.; NETO, A. B. A.; OLIVEIRA, L. M. S. Processo ensino aprendizagem na educação infantil em tempos de pandemia e isolamento. **Ciência Contemporânea**, Belo Horizonte, v. 1, n. 6, p. 349-364, 2020. Disponível em: <http://cienciacontemporanea.com.br/index.php/revista/article/view/32/29>

SARMENTO, M. J. Gerações e Alteridade: interrogações a partir da Sociologia da Infância. **Educ. Soc.** Campinas, vol. 26, n. 91, p. 361-378, 2005. Acesso em 02 ago. 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/3PLsn8PhMzxZJzvdDC3gdKz/?lang=pt&format=pdf>

TEBET, G. G. C. **Pandemia e Calendário Escolar: como respeitar a legislação?** Gabriela Tebet Blog. [S. L] 2020. Acesso em 14 jul. 2021. Disponível em: <https://gabrielatebet.com.br/diversos/pandemia-calendario-escolar-como-respeitar-a-legislacao/>